

## Sobre a Subterrânea

Voltei esta semana ao *Atelier Subterrânea*. Ainda que já tivesse visto esta exposição, não a havia visto com olhos de quem tem de produzir uma reflexão sobre o que viu. Estava o Túlio, um dos integrantes do atelier que eu não conhecia. Quando cheguei, ele se encontrava trabalhando. Tomamos um café, conversamos um pouco e depois chegou a Lilian. Logo após, um outro conhecido deles (pelo que me lembro trabalha com graffiti) entrou e se incorporou à conversa. Os três são produtores de arte. O atelier é um dos lugares onde produzem, conversam, exibem, promovem cursos. Este encontro traduz uma das peculiaridades do lugar, que, deduzo, reflete um movimento contemporâneo. O atelier é contíguo à rua e guarda muito da cidade. Uma das primeiras exposições que vi lá tinha objetos encontrados ao acaso na rua e justapostos na entrada, como se o batismo do atelier fosse feito pela cidade. Na separação funcional que o mundo moderno efetivou, a cidade aparece mais como o lugar público. O privado concerne a cada um, o que fazemos entre quatro paredes é segredo, pouco político e não urbano. A lembrança que tenho da minha infância é a de uma cidade com as portas mais abertas. O Prof. Armindo Trevisan sempre me fala de um filósofo chamado Martin Buber. Este pensador reflete principalmente sobre o encontro. Segundo Buber: “Comunidade significa, aqui e agora, *multiplicidade* de pessoas, de modo que sempre seja possível para qualquer um a que ela pertença estabelecer relações autênticas, totais, sem finalidades...”. Sem finalidades, ou seja, uma comunidade é uma forma de arte que precisamos cultivar. Aristóteles, quando se referia à *polis* não falava de um lugar definido geograficamente, mas de um grupo de pessoas com objetivos comuns. Penso que a turma do Subterrânea configura uma comunidade. Aberta, sem limites definidos, um lugar permeável a diversos tipos de encontro. Não pretendem ter uma unidade de trabalho, são uma *multiplicidade*, as trocas se dão em diversos níveis.

Um dos meios onde se dão estas trocas é o *desenho*. Muitos ali desenham, conheço mais os da Lilian e do James. Porque ainda se desenha? Num tempo em que o *metier* perdeu quase todo o valor, porque desenhamos? O desenho é uma espécie de impulso primordial onde está contida virtualmente toda a riqueza da linguagem, do gesto. O convívio entre estes desenhistas propõe uma troca num nível da linguagem de que o mundo moderno dispõe pouco. A nossa racionalidade se fechou na compreensão instantânea. Os

desenhos podem, sem pressa, se misturar de muitas maneiras e estender suas falas em diversas direções. Em paredes, em livros, na internet, em objetos, nos projetos, em vídeos, o desenho é uma das bases das conversas desta turma. Os gestos podem manchar as mais diversas mídias. Esta forma lenta de diálogo pode criar uma fala densa, uma das coisas mais em falta atualmente.

*Mário Furtado Fontanive* – Mestre em História, Teoria e Crítica pelo PPGAV-IA/UFRGS  
4 de outubro de 2007